

O processo criativo do objeto-livro-poético *Poor Fish Memories*

Irene de Mendonça Peixoto ¹

Estou aqui para falar do processo criativo do projeto *Poor Fish Memories* que está exposto ali na sala ao lado. Essa série de imagens que vão acompanhar a minha fala foram feitas **ao longo do processo de trabalho**. Muitas delas não participam da montagem final, mas todas elas foram fundamentais para que o meu **trabalho mental ganhasse forma**. Por isso resolvi trazê-las para esta apresentação.

Esse projeto nasce do impulso de conjugar memórias, sonhos e invenções, decorrentes de **tempos distintos**, em **uma mesma fantasia**. A intenção, ao poetizar essas lembranças, é desenrolar o **fio de afinidades inexploradas**, de **ligações insuspeitadas** entre os acontecimentos mais divergentes. Criar linhas de força costurando **sentidos impensáveis** entre coisas, símbolos, entre o que somos e o que não somos.

Estou me referindo com isso, à estratégia criadora e fabular de **conjugar heterogêneos** para produzir trabalhos que se **desdobram** em função das **conexões** que estabelecem. Por isso, me lembro aqui, do **“discurso das conjunções”** proposto pelo artista brasileiro Tunga, ao afirmar em uma palestra, que ele poderia falar de toda e qualquer coisa, não porque ele saiba de

¹ Professora doutora, Escola de Belas Artes/UFRJ. peixotoirene@gmail.com - tel.: 55 21 98761-2277

tudo, mas porque pode colocar qualquer coisa dentro do seu discurso. Em seguida, ele pergunta: qual a "única disciplina que permite incluir toda e qualquer coisa no seu discurso?"⁴ A resposta é a **ARTE** porque ela procura, nas narrativas do mundo, diferentes possibilidades de **conectar sentidos** para que possamos compreender o que nos rodeia.

Esta dimensão metafísica dos processos criativos nos conduz ao desafio de atravessar o mundo sob a perspectiva do "**E**", que implica em **acolher os paradoxos**, conviver com afinidades e aversões. A alternativa entre uma-coisa-ou-outra não é necessária na imaginativa criadora, ambas podem se inserir no contexto fabular **como igualmente possíveis: uma-coisa-e-outra!**

A lógica imaginal, que prioriza a conjunção "**E**" ao invés de "UM OU OUTRO", é tolerante, permitindo que os **opostos coexistam**, porém irreconciliáveis, recusando a reivindicação de um em detrimento do seu contrário.

Portanto, criar sob a perspectiva do "**E**" seria provocar essas **conjunções** abertas aos desvios e acasos, desconhecer seus horizontes para promover a **expansão** dos campos de ação criativa. A imaginação poética está preparada para explorar diferentes e simultâneas possibilidades de existência, a imaginar que o mundo, tal como ele é, **também poderia ser de outra forma.**

Considerem o composto criador *Poor Fish Memories* um **experimento poético** dessas noções que acabo de abordar. Ele nasce das lembranças **muito vagas** de um brinquedo de infância que **não sei se existiu de fato** ou se dele, guardo apenas um **relato que tenha me impressionado**. Uma **invenção-memória** que se torna um **disparador poético**, onde narrativas passadas e futuras vão se entrecruzar na (re)criação desse brinquedo no **tempo presente**.

A plataforma artística inicial é uma fábula que revela em detalhes o esforço de relembrar toda a composição do brinquedo: do material do qual é feito **às sensações que ele desperta**: a lata redonda, os minúsculos papéis recortados, o esfregar do punho sobre o finíssimo acetato que recobre a lata, produzindo a eletrostática tão necessária para o saltitar dos papéis dentro dela.

Em seguida, trato de **materializar esse objeto tornado poético, dar forma à longínqua lembrança**. Rememorar sensações. **Com a ajuda da fábula recrio o brinquedo e brinco com ele**.

Dessa brincadeira, surge o desejo de **alongar a dança saltitante** dos pequenos papéis, agora transformados em **bailarinos**. Assim faço um vídeo. Nessa segunda plataforma, os bailarinos se tornam **pequenos personagens** interagindo entre si, **criando breves coreografias**. Alguns dançam melhor que os

outros, parecendo escolher seus pares. E se entre eles nascesse um romance? **Um casal de apaixonados!**

Nesse ponto **surge uma conjunção** com outras sensações-lembranças que envolvem esses apaixonados e **bifurcam** a narrativa, mas **o desejo aqui não é se dividir** nem escolher uma sensação em detrimento de outra. Por isso aceito a coexistência de todas elas e **a ideação dos bailarinos** se mistura com **a ideia do casal de apaixonados**, fazendo com que eles também apareçam como pequenos papéis recortados vindos de **outras recordações**: desenhos amorosos de um **poeta e sua amada**.

Crio uma fantasia de que os pequenos papéis recortados desses desenhos amorosos poderiam intensificar **a eletrostática** entre os fragmentos, ainda mais se as partes escolhidas fossem de seus rostos. Teríamos a ilusão, atrativamente doce, de vê-los **dançando face a face**.

Desse devaneio surge a terceira plataforma que são os desenhos curiosos das **figuras-peixes** que percorrem todo o trabalho. Elas nascem da expressão inglesa *poor fish* que dá nome ao projeto e **é o que se diz de alguém bobo e tonto**, como um peixe que se deixa seduzir por um anzol, um poeta por sua amada e também alguém como eu, seduzida por recordações distantes.

As figuras-peixes são os **personagens contadores** dessa estória, **narrando em detalhes algo que talvez nunca tenha acontecido.**

E qual **forma poética** poderia suportar todas essas sensações-narrativas, juntas, reverberando? Imagino um livro, um fólio **polissensorial** capaz de abraçar essa estória em seus diversos aspectos.

Nas suas páginas, a matéria do papel deixa de ser apenas suporte para se tornar **elemento participativo** do trabalho. A **aparência silenciosa** da folha em branco amplia a **importância do vazio**, valorizando a des-composição dos desenhos concentrados em áreas desordenadas da página. A sua brancura se estende, **se torna uma tela** para receber a projeção em vídeo dos bailarinos de papel. Imagem mental, **imagem memoriosa da ação do brinquedo**, projetada de modo a interferir na narrativa de sua própria gênese.

O contexto fabular do trabalho é naturalmente intrincado e sinuoso. As histórias inventadas participam de outras que fantasiam realidades incertas. **Os indícios, os rastros de existência só importam quando acolhidos pela ficção.**

A dinâmica do livro não é reduzir as diferentes histórias a uma só, dar-lhes uma coerência ou algo para ser compreendido, que reduza o heterogêneo à simplicidade de um discurso único. Ao

contrário, o importante é **adensar a estranheza** que aflora na **visibilidade do incomum**. Revelar as afinidades secretas, devenires, sintonias entre outros fundamentos **quase mágicos** para erigir nossos monumentos de papel, de luz, de tinta e fabulação.

Essa é a estratégia do trabalho: criar relatos sobre memórias-sonhos que aconteceram em tempos distintos e fazê-los reverberar na unidade **substantiva e fragmentada** do livro de artista. O trabalho realizado **não tem mais relação direta com o meu vivido**, nem com o meu imaginário particular. Esse **livro-objeto-instalação** se refere às **sensações extemporâneas**, suas grandezas e dimensões se expandem e derivam. Por isso mudam de estatuto e natureza. Como diria Deleuze: **“Não sou mais EU que falo até chegar ao ponto em que não há qualquer importância dizer ou não dizer EU”**ⁱⁱ.

Muito obrigada.

ⁱ Tunga in Cadernos EAV 2009 org: Joanna Fatorelli e Tania Queiroz. RJ: EAV, 2012, p.164.

ⁱⁱ DELEUZE, G.; Guattari, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. SP: Ed. 34, 1992, p.11.